

HISTIOCITOMA CUTÂNEO CANINO – RELATO DE CASO

Raiany Borges Duarte¹
Gracielle Teles Pádua²
Raquel Loren dos Reis Paludo³

Resumo: O Histiocitoma Cutâneo Canino (HCC) é um tumor de característica benigna, solitário e que geralmente sofre regressão espontânea. Mais comum em cães jovens com menos de 2 anos de idade, afetados preferencialmente na pina, face, cavidade oral e extremidades distais. É um tumor de difícil diferenciação somente pela apresentação clínica, pois se assemelha bastante com outros tipos de neoplasias como plastocitoma ou mastocitoma e infecções granulomatosas localizadas. Em suma, o prognóstico para cães com histiocitoma é bom. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso clínico de HCC no qual foi necessária a excisão cirúrgica.

Palavras-chave: Animais jovens. Benigno. Excisão. Regressão.

Introdução

Histiocitoma Cutâneo Canino (HCC) é um tumor considerado comum, benigno e solitário, que sofre regressão espontânea na maioria dos casos. Ocorre com maior frequência em cães jovens, na face, na pina ou nas extremidades distais, mas pode acometer qualquer região do corpo do animal. Pode ser difícil diferenciar o histiocitoma de outros tumores, como mastocitoma ou plastocitoma, e de infecções granulomatosas localizadas, somente pelos aspectos clínicos. Uma abordagem criteriosa é necessária para fazer o diagnóstico e em seguida escolher o procedimento apropriado para a resolução do problema (PATEL e FORSYTHE, 2010).

Os histiocitomas podem ser classificados em Histiocitoma Cutâneo Canino (HCC), Histiocitomas Fibrosos Benignos (HFB) e Histiocitomas Fibrosos Malignos (HFM). Os HFB têm a etiologia ainda desconhecida, sendo raros em cães e gatos, considerados mais como proliferações reativas do que neoplasias. Já os HFM são sarcomas de tecido mole, que se caracteriza como sarcomas pleomórficos com diferenciação parcial de histiócitos e fibroblastos. São raros, mas já foram relatados em bovinos, cães, gatos e cavalos. Apesar de não serem comuns em cães e gatos, são tumores de característica invasiva e são encontrados no tecido subcutâneo (PESSOA, et al., 2008).

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES

² Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES

³ Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES

De acordo com Silva et al. (2015) o histiocitoma é um tumor relacionado às células de Langerhans, as quais são responsáveis por apresentarem os antígenos processados a linfócitos T não estimulados, e daí em diante, que montam uma resposta imune primária, mas podem apresentar antígenos processados também para linfócitos T de memória. São capazes ainda de efetuar fagocitose, portanto, têm um papel fundamental na resposta e vigilância imune. Elas manifestam CD1, CD11/18, CD45, classe MHC II e E-caderina. Para Patel e Forsythe (2010) os linfócitos envolvidos na regressão do tumor são os CD8+, que frequentemente infiltram no mesmo. A justificativa da proliferação das células de Langerhans ainda não é conhecida.

O histiocitoma por ser um neoplasma cutâneo de células redondas, é de difícil diferenciação apenas com o histopatológico para diagnóstico, pois se assemelha bastante com os outros neoplasmas desta categoria como, mastocitomas, linfoma maligno, plasmocitoma e o melanoma amelanótico. Neste caso, uma melhor opção para diagnóstico seria a citopatologia, sendo indicado como alternativa a imuno-histoquímica (BRAZ, et al., 2016).

Existe predisposição racial para este tipo de neoplasia, embora não exista predisposição sexual. É comum em Boxers, Dachshunds, Terriers, Labradores, Cockers e Spaniels ingleses. Apesar de o histiocitoma ser de característica benigna, ele tem um crescimento relativamente rápido, mas, pode sofrer regressão espontânea (PATEL e FORSYTHE, 2010).

O tratamento da HCC é controverso e pode incluir excisão cirúrgica, criocirurgia, eletrocirurgia e observação sem tratamento. De acordo com alguns autores, os HCC raramente necessitam de tratamento, pois as lesões regredem espontaneamente. No entanto, a maioria dos autores relatam que a excisão cirúrgica e a criocirurgia são as possibilidades terapêuticas mais benéficas, uma vez que eliminam de vez o tumor e evitam complicações secundárias (ARAÚJO, et. al., 2009).

Relato de caso

Uma cadela, SRD, de pelagem marrom, pesando 9,700 kg, foi atendida no consultório veterinário do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), no qual a queixa principal relatada pela proprietária era de uma ferida no membro pélvico esquerdo, que já estava presente quando a mesma a adotou, aproximadamente há três semanas. Segundo a tutora, o animal foi encontrado na rua pela mesma, já apresentando a lesão e mencionou também que aplicou anticoncepcional injetável.

No exame físico, não se observou nenhuma alteração nos padrões vitais do animal, apenas a lesão no membro pélvico esquerdo com aspecto úmido, edemaciado, ruborizado, e com alopecia. Em vista disso, foram solicitados um hemograma com pesquisa e um raspado cutâneo, os quais revelaram duas alterações no leucograma, linfocitose e uma monocitopenia relativamente baixas, e resultado negativo para o raspado cutâneo.

Diante dos resultados obtidos pelos exames solicitados acima, foi solicitado exame citopatológico através de PAAF (punção aspirativa por agulha fina) e imprint. Ao laudo da PAAF, na microscopia foram detectadas algumas alterações, como celularidade moderada na amostra; contaminação por hemácias; moderada presença de células neoplásicas redondas com núcleos redondos ou discretamente ovais; citoplasma amplo e claro, discretamente basofílico e densa cromatina. Notou-se também anisocitose e cariólises discretas, além de presença moderada de pequenos linfócitos diferenciados. Logo o diagnóstico citopatológico, foi histiocitoma.

Cagnini (2017) afirma:

Histiocitomas cutâneos são neoplasias benignas que podem acometer animais de qualquer faixa etária, mas é mais comum em animais jovens de até 3 anos. Após esta idade diminui drasticamente seu aparecimento. São nódulos em formato de cúpula ou placa eritematosa que, em geral, medem menos do que 2,5 cm de diâmetro. Geralmente são massas solitárias, ocasionalmente múltiplas. Alopecia e ulceração são frequentes. São mais comuns na cabeça, orelhas, pescoço e extremidades, mas podem acontecer em qualquer local anatômico (CAGNINI, 2017).

A princípio, de posse do diagnóstico, decidiu-se esperar pela regressão do tumor por tempo indeterminado, porém, após 33 dias foi observado aumento e ulceração do tumor, apresentando odor desagradável. Em vista disto, o tratamento instituído foi a indicação para exorcização cirúrgica do histiocitoma. A cirurgia ocorreu de maneira tranquila e segura e a paciente passa bem até o presente momento (9 meses pós cirurgia), sem indícios de recidiva.

Discussão

O HCC é um tumor benigno de origem ainda desconhecida, de células redondas comum em cães. É originado mais provavelmente de células de Langehans, acometendo em maioria animais jovens com menos de dois anos de idade. Porém podem afetar animais de qualquer idade, não tendo predileção por sexo (ARAÚJO, et. al., 2009).

A frequência desses tumores em cães é relativamente baixa. Entre as neoplasias de tumores redondos, de acordo com a classificação citopatológica de neoplasias acometendo cães atendidos na Unidade Hospitalar Veterinária da Universidade Estadual do Ceará, no período de abril de 2013 a junho de 2014, o tumor venéreo transmissível (TVT) aparece em primeiro lugar no ranking de incidências, com 29 casos diagnosticados (36,7%) e o histiocitoma na última posição com 1 caso diagnosticado (1,3%) (BORGES, et. al., 2016).

As alterações histopatológicas relatadas por Silva et al. (2015) correspondem com as descritas no laudo do presente estudo, que se referem à acentuada anisocitose, núcleo grande, redondo e oval, núcleos com cromatina mais condensada, presença de infiltrado inflamatório, entre outras. Para o animal do caso relatado foi solicitado um exame citopatológico para obtenção do diagnóstico, o que está de acordo com Braz et al. (2016).

Ainda que existam vários relatos de regressão espontânea, no caso relatado optou-se por excisão cirúrgica do tumor, que é o tratamento de eleição para HCC com prognóstico favorável, como recomendado por Silva et al. (2015), uma vez que evita complicações secundárias e a recidiva no mesmo local da excisão, de acordo com estudo realizado por Taylor et. al., descrito por Araújo et. al. (2009) no qual foi acompanhado 230 casos que indicaram poucas ocorrências de recidiva no local da excisão cirúrgica.

Considerações finais

Apesar de o HCC regredir espontaneamente na maioria dos casos, nesta situação foi necessária a indicação para excisão cirúrgica, devido ao seu tamanho e o tempo relativo de espera para involução que não aconteceu, pelo contrário, ao invés de regredir, ulcerou. A cirurgia ocorreu de maneira tranquila e segura e a paciente passa bem até o presente momento sem indícios de recidiva.

Referências

ARAÚJO, B. M. et al. **Histiocitoma cutâneo em cão – relato de caso.** Resumo 0198-3, 2009.

BORGES, I. L. et al. **Diagnóstico citopatológico de lesões palpáveis de pele e partes moles em cães.** Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal, v.10, n.3, p. 382 – 395, 2016.

BRAZ, P. H. et. al. **Comparação entre citopatologia por biopsia com agulha fina e a histopatologia no diagnóstico das neoplasias cutâneas e subcutâneas de cães.** Pesq. Vet. Bras., v.36, p. 197-203; 2016.

CAGNINI, D. Q. **Laudo de resultado do exame citopatológico** (2017).

PATEL, A. e FORSYTHE, P. **Histiocitoma.** Dermatologia em pequenos animais. 2010.

PESSOA, M. et al. **Aspectos clínicos, diagnóstico e tratamento dos histiocitomas caninos.** Medicina Veterinária, v. 2, n. 3, p. 42-53, 2008.

SILVA, D. R.; FALEIRO, M. B. R.; MOURA, V. M. B. D. **Tumores de células redondas em cães: aspectos gerais e marcadores imunohistoquímicos.** Enciclopédia biosfera. Centro científico conhecer - Goiânia; v. 11 n. 22, 2015.

